

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

*Fernando Bagiotto Botton**

O Declínio do Homem Público é um texto já considerado clássico nas Ciências Sociais, e faz por merecer: nele, Richard Sennett realiza um apanhado das formas de sociabilidade, comunicação, representação, atuação e relação entre as pessoas das grandes cidades, desde o século XVIII até os dias atuais do autor, 1974, a fim de compreender como se formaram as concepções intimistas contemporâneas. É com esse propósito que transita pelos mais variados campos do conhecimento a fim de validar sua virtuosa argumentação.

Para que entendamos com mais riqueza os escritos de Sennett, devemos ter em mente certas passagens de sua vida. O autor nasceu em 1946, ainda jovem empreendeu uma carreira acadêmica bem sucedida cursando nas universidades de Chicago e Harvard. Também estudou música: foi violoncelista e regente, embora tenha seguido sua carreira acadêmica. Casou-se com Saskia Sassen, socióloga, economista e professora que estudou a globalização e a imigração internacional. Atualmente Sennett é professor de sociologia na London School of Economics e no Massachusetts Institute of Technology, professor de humanidades na Universidade de Nova York e diretor fundador do Instituto de Humanidades de Nova York

A vasta bibliografia de Sennett compreende mais de 15 livros publicados, incluindo três ficções. O autor começou escrevendo sobre o retraimento social desde a década de 60, seu primeiro escrito foi *Families Against the City: Middle Class Homes of Industrial Chicago, 1872-1890*, trata-se de um estudo de como a família nuclear de Chicago do século XIX se tornou um refúgio contra a

* Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) / Brasil.

sociedade. Seu segundo livro publicado foi *The Uses of Disorder: Personal Identity and City Life* em que analisa o entrecruzamento das personalidades com a economia. Outro de seus livros foi *The Hidden Injuries of Class*, onde Sennett estudou como a classe é interpretada enquanto uma questão de personalidade e como a própria despolitização da classe provém disso.

Consecutivamente, o autor lançou no ano de 1974 *O Declínio do Homem Público*, com o título original *The Fall of Public Man*, pela editora americana Knopf, em que Sennett tentou criar um “cenário histórico e teórico” (SENNETT, 1999: 64) não só para traçar definitivamente sua linha argumentativa, mas também para contextualizar suas teses anteriores. Sob a tradução de Lygia Araújo Watanabe, a primeira edição brasileira do livro somente foi lançada no dia 27 de abril de 1988, quatorze anos após sua publicação original. A editora que se encarregou do empreendimento editorial foi a Companhia das Letras, que efetuou 8 reimpressões,¹ sendo a última no ano de 2002. Uma particularidade importante a ser frisada é que o livro, em qualquer edição, se encontra esgotado nas livrarias e somente é encontrado em sebos e livrarias virtuais a preços bastante significativos. Uma pesquisa recente efetuada no sítio de venda de livros usados “Estante Virtual”² aponta a disponibilidade de apenas onze exemplares que são vendidos por preços que variam de 125,00 a 250,00 reais, é visível a demanda por mais uma reimpressão. A edição que me utilizo nessa resenha é a sexta reimpressão, do ano de 1999.

Em seus livros, Richard Sennett se mostra afiliado a uma posição teórica abertamente assumida: “tanto eu, como muitos outros da Nova Esquerda” (SENNETT, 1999: 360), ao fazer parte da *New Left Review*, o autor se mostra sintonizado com a abordagem que a corrente adota, principalmente relacionando fenômenos “de classe”, culturais e econômicos. Porém, não se restringe a permanecer somente na linha teórica marxista não ortodoxa de que faz parte. Sennett dialoga com Weber, Freud, Tocqueville, Foucault,³ dentre muitos outros que não podem ser “encaixados” na tradição marxista. Antes de colérico defensor de sua “escola”, utiliza-se de enorme erudição para abordar seu objeto através de diversas teorias, não se restringindo a nenhuma chave

¹ Segundo nossa pesquisa realizada no dia 25 de janeiro de 2010.

² Disponível em <<http://www.estantevirtual.com.br>>. Acesso em 25/01/2010. Esse sítio possui o cadastro de 1.609 sebos por todo o Brasil.

³ Com quem escreveu ensaios e tratados.

explicativa para fenômenos humanos universais. Assim, baseia-se em cada caso que estuda, compreendendo suas especificidades a ponto de mostrar-se tanto como bom sociólogo quanto bom historiador, ainda que não lhe seja atribuído o ofício de historiador.

Sennett tem um objetivo muito claro e declarado ao levantar suas teses: apontar contra a personalização da política, a intimidade enquanto mestra da vida e o retraimento de uma cultura cosmopolita em micro-comunidades bairristas. Com tal objetivo, o autor critica e propõe alternativas a muitas das relações sociais humanas adotadas em nosso século.

É evidente que o livro *O Declínio do Homem Público* está mergulhado no clima caótico e desencantado do mundo da guerra fria, época em que foi escrito, a década de 70. Percebemos simultaneamente um tom de decepção com a humanidade e certa esperança utópica da superação dessas relações. Para que compreendamos a complexidade e a riqueza de suas críticas levantadas precisamos observar alguns elementos que o autor aborda no decorrer de seu livro.

Em seu primeiro capítulo, Sennett busca uma interpretação histórica para a concepção de publicidade, especialmente no século XVIII. O autor aponta para o prejuízo de uma confusão entre vida pública e privada em que os assuntos pessoais são levados a público, tornando íntimo também o domínio público. Em sua formulação teórica, as bases para tal confusão são as mudanças do capitalismo e das crenças religiosas, principalmente no tocante ao secularismo. Sennett comenta sobre a morte do espaço público na medida em que a cultura do narcisismo vai avançando no interior da cultura social. Assim, nesse primeiro capítulo, refere-se precisamente ao ponto que quer abordar:

[...] a tese desse livro é a de que os sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e de uma vida pública esvaziada [...] são resultantes de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista (SENNETT, 1999: 30).

Sennett “põe o dedo na ferida” da sociedade contemporânea ao acusar o esvaziamento da esfera pública baseada na hipervalorização da intimidade, da privacidade, do retraimento e do silêncio. E essa ferida não foi aberta no século XX, mas é condicionada por uma série de mudanças ocorridas nas sociedades dos séculos XVIII e XIX. Dessa forma o autor parte do século XVIII para investigar os inícios dessa transformação.

Na segunda parte de seu livro, Sennett debruça-se sobre as sociedades de antigo regime⁴ a fim de levantar as modificações e permanências dos tipos de relações sociais que as mesmas legaram para a contemporaneidade. Relaciona a platéia dos teatros da época com a forma das pessoas agirem nos demais espaços públicos. Teatro e platéia se refletiam ao criarem um mundo em que as pessoas poderiam ser estranhas umas as outras e poderiam conviver com essa diversidade, pautadas em códigos simbólicos –como o modo de vestir ou de falar– que regulavam as interações sociais. Para o autor, isso favorecia o enriquecimento das relações públicas facilitando o desenvolvimento de uma política propriamente pública. Isso reforçaria os laços sociais em um fenômeno benigno à sociedade e às interações interpessoais.

Na terceira parte de seu livro, Sennett aponta para um constante retraimento dessa cultura pública da austeridade em função do desenvolvimento de uma individualidade personalista. As questões que o autor aborda nesse bloco são as bases para a sua teoria.

O primeiro ponto refere-se aos efeitos das condições materiais na personalidade individual. Sennett credita à migração em massa do campo para a cidade como um dos principais condicionantes para a resguarda da sociedade frente a esses “estrangeiros” (i)migrantes. Tais “estranhos” que vinham abrigados de forma desordenada –e posteriormente de forma ordenadamente excludente– tornavam caóticas as definições geográficas de classe no interior das cidades, isso causou certo receio do homem urbano em definir os novos estranhos/estrangeiros, inicia-se uma tendência de se defender do público através de uma reclusão nas esferas privadas. Outro fator sócio-econômico que auxiliou essa tendência foi a ascensão da classe burguesa, especialmente a média burguesia, que optavam por uma elevação social através da individualidade, e não da organização por classes. As novas formas de comércio também influenciavam essa mentalidade, pois o comércio capitalista, a sua “fetichização da mercadoria” e as novas lojas de departamentos tornavam o comprador cada vez mais crente de que tais mercadorias iriam modificar suas personalidades, inicia-se um processo de mistificação dos detalhes, baseando-se antes as aparências pessoais do que os discursos ou polêmicas. Dessa forma emerge a personalidade enquanto prioridade para as relações sócio-econômicas

⁴ Mais especificamente Paris e Londres

da época.

Outro segundo aspecto trabalhado por Sennett foi a influência da crença na personalidade no interior da sociedade. O argumento é que o advento de tal personalidade enquanto forma principal de expressão social(,) se dá por uma mudança nas estruturas de pensamento da época em que se privilegiava – através do secularismo– o ato concreto, imediato, o real, o “em si”. Isso facilitou a concepção de que as impressões causadas pelas pessoas eram definidoras das personalidades individuais, ou melhor, das próprias pessoas e suas relações interpessoais. Com o fim da crença em um ser exterior e toda a possibilidade de se pensar uma mística idealista, a representação de si passou a ser o novo credo místico, como se fosse capaz de se ler o caráter da pessoa de acordo com seus signos representativos. A personalidade passa a ser o mais distinto princípio social, pois está relacionada com o que aqueles homens concebiam como a mais legítima representação do eu. A própria concepção de sociedade perde seu significado para dar lugar a uma concepção de social enquanto uma “coleção de personalidades”. Na medida em que esse processo foi se intensificando, as personalidades foram tomadas cada vez mais a sério e os códigos pessoais passaram a ser vistos como símbolos psicológicos. Confundiram-se as aparências do indivíduo com o próprio indivíduo, seu caráter e sua predisposição moral. Criou-se, assim, uma mentalidade de um jogo de interpretação em que o menor dos detalhes poderia definir a verdadeira personalidade do indivíduo; a espontaneidade passa a ser vista como uma anormalidade detestada. Surgiu um sentimento de que tudo acerca da pessoa podia ser lido pelos detalhes, e a única forma de se proteger contra isso era a própria supressão dos sentimentos e o refúgio na privacidade, especialmente na família, único lugar onde as pessoas poderiam expressar suas personalidades. Distanciava-se a semelhança da vida das pessoas com o palco, os homens “estavam se tornando atores mais sérios e menos expressivos do que seus antepassados” (SENNETT, 1999: 241).

Esse retraimento do homem para a vida privada foi definindo duas estratégias identitárias possíveis: ou a total reclusa no domínio privado, ou a personalização no domínio público, mais especificamente, na política. Isso foi desenvolvendo uma “cultura de espetáculo”, o homem público agora tinha de ser um excelente orador, mas antes de tudo, uma visual personalidade, um

virtuoso ator, portador da essência do espetáculo. Frente a tal espetáculo, cabia ao cidadão –comparado ao espectador– observar o político silenciosamente, como se ele possuísse uma aura mística que o tornasse superior ao restante das pessoas. O importante não era o conteúdo do discurso ou as propostas desse homem público, valia mais a personalidade que ele apresentava, como se ele fosse passível de detecção de caráter através de seus traços pessoais. Eis a grande modificação entre o antigo regime para o século passado: enquanto o teatro do século XVIII era um *locus* da algazarra, de interação, de debate e de discussão, o do século XIX era o local do silêncio entre a personalidade do espetáculo (o ator) e o resto das pessoas que se consideravam carentes de tal personalidade, que assistiam caladas justamente em busca dessa personalidade que acreditavam não possuir. O silêncio era outra forma de defesa contra a possibilidade de encontrar um estranho, de se manter uma nova relação social, era uma forma de se manter alheio à sociedade, as pessoas passaram a estar em público e ao mesmo tempo sozinhas, “a relação entre palco e rua estava agora invertida” (SENNETT, 1999: 270).

A sociedade –que no século XVIII poderia ser considerada pública– toma outro viés: centra-se na intimidade. Sennett argumenta que as bases para a ascensão dessa “sociedade intimista” baseia-se na concepção do século XIX de que as relações sociais são superexposições das personalidades. Os sintomas dessa sociedade intimista são dois:

O primeiro é a ascensão de uma cultura narcísica, em que o político se resigna das ações políticas para embasar-se em sua personalidade, que era entendida como o único referencial que transmitisse credibilidade e legitimidade de sua figura enquanto político. Isso acabou por tornar as pessoas mudas frente à essa política pessoal. A personalidade individual havia triunfado sobre as organizações sociais mais amplas, como as classes.

O segundo sintoma dessa sociedade intimista são as formações do que Sennett chama de “comunidades destrutivas”, em que os homens temerosos a construir relações sociais se enclausuram em micro-círculos sociais fechados, essa visão de comunidade exclui a possibilidade de se pensar em uma sociedade política ampla, para cerrar os integrantes nesse pequeno círculo identitário. Somente os indivíduos que compartilham dos mesmos códigos de caráter são vistos com simpatia, isso corrompe com uma política que vise o bem social, “A

procura por interesses comuns é destruída pela busca de uma identidade comum” (SENNETT, 1999: 319). Tal organização comunitária legou dois problemas contemporâneos: o primeiro é que as pessoas internas às comunidades⁵ passam a compreenderem as pessoas externas⁶ ao grupo como ameaças à integridade desta identidade forjada, ou seja: inimigos –interessante percebermos esse mesmo problema sendo comum a qualquer formulação identitária, inclusive contemporânea. O segundo problema é que os estreitos os laços de uma pequena comunidade são potencialmente propensos a condicionarem um fratricídio dentro dessa mesma comunidade.

O mundo passara a primar o caráter e a motivação pessoal, independentemente da ação política. Os indivíduos são estereotipados e tais estereótipos são mistificados a ponto das pessoas acreditarem que “a máscara revela um rosto comum” (SENNETT, 1999: 307).

Em meio a tal argumentação, Sennett lança uma reflexão e uma crítica ao marxismo vulgar, uma vez que também os políticos marxistas (vulgares) adotaram essa política personalista, ao contrário da própria teoria socialista de Marx.

Na quarta, e última, parte de seu livro, Sennett estuda os desdobramentos dessa sociedade intimista no século XX. Sua argumentação é de que se formou uma ideologia da intimidade, em que as pessoas crêem que as relações interpessoais íntimas são as formas de resolver os problemas sociais, políticos e psicológicos edificadas por uma sociedade moderna e modernista. Nisso provém o credo do poder do amor entre as pessoas, criando expectativas inalcançáveis: de que relações impessoais poderiam gerar significações pessoais.

O campo da política passa a ser abandonado graças à crença na personalidade enquanto signo de credibilidade incontestável, “a personalidade em público [...] levada às últimas conseqüências, destruída o poder público” (SENNETT, 1999: 319-320). Nessa confusão entre o público e o privado há uma recusa do indivíduo em participar das decisões públicas, retraindo-se à esfera do íntimo, do privado. Nega-se qualquer relação interpessoal com sujeitos estranhos na mesma medida que se hipervalorizam as relações impessoais. Recusam-se as barreiras de comunicação entre pessoas, pois é desejado que as relações

⁵ O que Norbert Elias poderia chamar de “estabelecidos” (ELIAS & SCOTSON, 2000).

⁶ O que Norbert Elias poderia classificar como “outsiders” (Ibidem).

personais sejam mais intensas, porém, a quebra dessas barreiras é justamente o que impossibilita a construção de relações interpessoais. Isso impede as pessoas de verem a verdadeira função da cidade, que é o local de encontro entre estranhos. Os projetos arquitetônicos dos séculos XIX e XX são cada vez mais voltados para o refúgio na intimidade, isso para Sennett é a difusão da incivilidade, se entendermos que civilidade é a possibilidade de forjar laços sociais independentemente da distância social, pois “quanto maior a intimidade, menor a sociabilidade” (SENNETT, 1999: 325). A completa inversão desse modelo é proposta pelo autor:

As pessoas somente podem ser sociáveis quando dispõem de alguma proteção mútua; sem barreiras, sem limites, sem a distância mútua que constitui a essência da impessoalidade, as pessoas são destrutivas, não porque a natureza do homem seja malévola [...] mas por que o efeito último da cultura gerada pelo capitalismo e pelo secularismo modernos torna lógico o fratricídio, quando as pessoas utilizam as relações intimistas como bases para as relações sociais (SENNETT, 1999: 379).

A proposição é o retorno, ou a instituição de uma vivência permeada pela ludicidade do jogo. Para Sennett, o jogo é o momento em que as pessoas voluntariamente estabelecem regras e reformulam-nas para melhor responder a seus interesses comunitários: no caso, a diversão e a interação. Isso poderia ser transposto para a ação pública de forma a reviver a centralidade da política pública nesse meio cada vez mais íntimo. O jogo traz uma superação do medo de se relacionar com desconhecidos, do medo de correr riscos, pois muitas vezes até a frustração é vista no jogo como divertimento. A gratificação imediata é substituída pelos prazeres da relação social e da interação, ao mesmo tempo em que se percebe que as regras são construídas, modificáveis, não estáticas, passíveis de contestação. A realidade perde essa sobriedade burguesa para dar espaço para um novo processo de construção social dessa pretensa “realidade”. Esse processo será a forma de se opor a mentalidade narcisista das novas classes industriais que acreditam que a posição social seria o espelho da personalidade, que por sua vez, seria o espelho da própria pessoa.

O Declínio do Homem Público é considerada como uma das obras mais importantes de Sennett, nela podemos encontrar preocupações bastante contemporâneas à sua redação, década de 70, mas deve-se também dar o mérito do como são atuais suas considerações, uma vez que sua teoria enraíza-se nas continuidades e nos legados dos séculos XVIII, XIX e XX.

Arrisco-me a dizer que Sennett poderia ter sido um profeta de alguns aspectos do que muitos hoje chamam de mundo “pós-moderno” ou “pós-contemporâneo”,⁷ tendo observado muitos fenômenos da contemporaneidade antes mesmo da queda do muro de Berlim. Sua análise vai rigorosamente se delineando para um final desencantado, no último capítulo ele monta sua teoria encima de Max Weber ao propor que “O Narcisismo é a Ética Protestante dos Tempos Modernos” (SENNETT, 1999: 405). Trata-se de uma paráfrase da mais famosa tese de Weber: “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” em que a conclusão é baseada em um estrito desencantamento com o mundo, uma “crosta de aço”, uma impossibilidade de se chegar a uma solução para um sentimento de capitalismo que começou no campo da cultura (religião) e se alastrou como um câncer em todos os outros campos da sociedade, especialmente no econômico.

Não seria difícil de seguir à risca tal proposta desencantada para ler o mundo contemporâneo: a conclusão óbvia e passível de ser tirada nesse apanhado histórico seria a extrapolação da intimidade até chegarmos a um mundo de barbárie íntima, exatamente o que Jean-François Mattéi propõe em seu *A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno*, segundo notas da professora Ana Paula Vosne Martins referentes ao estudo de Mattéi:

Por *barbárie* o autor entende [...] o enfraquecimento da capacidade de pensar resultante do *enclausuramento dos sujeitos em si mesmos*, nas suas vidas e em seus *grupos identitários*, em suas “tribos” [...] Mattéi trata da barbárie como o movimento que vai na direção diametralmente oposta ao movimento da civilização: em direção à *intimidade*, ao interior de si; um movimento para dentro do sujeito (MARTINS, 2008: 3-4) [Grifos meus]

A semelhança da tese de Mattéi para a de Sennett reside inclusive no campo conceitual utilizado por ambos. É evidente que Mattéi pôde seguir a frente com algumas concepções de Sennett, já que escreveu sua tese já na virada do século XXI, os acontecimentos já eram visíveis e passíveis de diagnóstico.

Retornando ao questionamento do por que Sennett não prevê esse mundo de barbárie íntima, já que sua própria pesquisa levantou esse direcionamento. Parece-me que a resposta está na fidelidade do autor em relação à sua filiação teórico-ideológica. Sennett escapa dessa visão pessimista através de uma tangente relativamente utópica proveniente das teorias psicológicas acerca dos

⁷ Estendendo esses conceitos no sentido de organização psicológica e social no mundo atual.

jogos e da interação social entre estranhos. Ante a iminência de se chegar a um fatalismo desencantado, o autor faz essa proposta (ou aposta) de modificação do mundo, uma proposta engajada politicamente, que poderia reestruturar a forma das pessoas se relacionarem. E, além de propor, mostra que crê na possibilidade de uma mudança utópica, encantada:

A cidade deveria ser [...] o fórum no qual se torna significativo unir-se a outras pessoas sem a compulsão de conhecê-las enquanto pessoas. *Não creio que esse sonho seja inútil*; a cidade surgiu como foco para vida social ativa, para o conflito e o jogo de interesses, para a experiência das possibilidades humanas, durante a maior parte da história do homem civilizado. Mas hoje em dia essa possibilidade civilizada está *adormecida*. (SENNETT, 1999: 414) [Grifos meus]

A busca de Sennett, de certa forma, é de uma “redenção da humanidade”. Essa fuga do desencantamento é ressoante aos ideais marxistas que perpassavam –e ainda perpassam– os estudiosos filiados à “Nova Esquerda” em que o próprio autor se inclui.

Sua argumentação, embora diagnostique a decadência do mundo público, o cerramento do indivíduo na intimidade, no bárbaro *i-mundo* moderno, ainda opta por ver uma “*possibilidade adormecida*”, e não perdida.

No entanto possamos concordar mais com Max Weber quanto as (im)possibilidades de mudar o atual sistema de sociabilidades, discordando de Sennett em sua conclusão utópica. Resulta difícil manter a opinião de que o estabelecimento de relações entre estranhos vá modificar as formas de interação político-sociais. Não podemos perder de vista que a tese do autor é fundamental para a compreensão do mundo contemporâneo, uma vez que desenraiza as origens dessas “tiranias da intimidade” que definia a sociedade da década de 70 em que Sennett escreveu, e que ainda define a sociedade atual, que é cada vez mais compartimentalizada pela hipervalorização das personalidades individuais.

Bibliografia

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Estante Virtual. Disponível em <<http://www.estantevirtual.com.br>>. Acesso em 25/01/2010.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Notas de Leitura para o Seminário da Linha de Pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexões e Sentimentos na*

Fernando Bagiotto Botton

Richard Sennett. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*.

História: Mattéi, Jean-François. A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno. Curitiba: maio de 2008.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo; Revisão e Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras. 2006

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Colaboração recebida em 14/09/2009 e aprovada em 21/01/2010.